



Fairbairn

Teo Weingrill Araujo

2ª edição - Revista



INM Editora

Fairbairn

Teo Weingrill Araujo

2ª edição - Revista



INM Editora

Copyright © 2025 by Teo Weingrill Araujo

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Revisão Gramatical e Preparação de Texto: Priscila Calado

Revisão Final: Tatiana Sayumi Seki

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Secretaria: Nawana Taranto

Capa e Diagramação: Caren Dantas

Marketing: Lyvia Gomes

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora

Frei Caneca, 1380,

Primeiro Andar – Sala 17

Consolação – São Paulo

CEP: 01307-002

Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: [@inmeditora](https://www.instagram.com/inmeditora)

Facebook: [/inmeditora](https://www.facebook.com/inmeditora)

NOTAS DOS EDITORES

É com muito apreço que a INM Editora apresenta ao público a segunda edição do livro *Fairbairn*, de autoria do psicanalista Teo Weingrill Araujo.

O livro sofreu algumas pequenas alterações para esta publicação e uma nova subdivisão dos capítulos em relação à primeira edição.

Além de uma apresentação escrita originalmente para esta edição, Teo Weingrill Araujo nos apresenta, a cada capítulo, um pouco da vida, da obra e do legado do pensamento do psicanalista escocês, para em seguida apresentar os textos da década de 1930 sobre o brincar, os textos da década de 1940 sobre a concepção do modelo do trauma e da estrutura endopsíquica, os textos dos anos de 1950 sobre o fazer psicanalítico e, finalmente, aborda o sistema teórico fairbairniano e sua concepção sobre corpo e sexualidade.

Fairbairn ficou conhecido por enfatizar que a libido não buscava somente o prazer, mas um encontro com um objeto para primariamente se relacionar, assim como sugeriu que deixar o paciente no divã seria como se abandonássemos o bebê no berço. Trata-se, portanto, de um autor que inovou tanto na teoria quanto na clínica.

O texto pode interessar não somente aos psicanalistas, como aos alunos de psicologia e de psicanálise, além daqueles interessados nas construções teórico-clínicas de um dos autores da Escola Inglesa de Psicanálise e do *Middle Group*, assim como um dos pioneiros da teoria das relações objetais.

Esperamos que os leitores possam reencontrar o pensamento vivo e criativo de Ronald Fairbairn nesta segunda edição do livro do psicanalista Teo Weingrill Araujo.

Sergio Gomes
Bruno Ricardo Gomes

Editores

SUMÁRIO

Notas dos Editores	5
Apresentação	11
I. A vida, a obra e o legado de Fairbairn	21
II. Brincar, criar, agir, viver: os textos da década de 1930	33
III. Um passeio pelos textos da década de 1940	61
IV. Discussões sobre o fazer do analista: os textos da década de 1950	85
V. Sobre o legado das experiências boas e das experiências excitantes	111
VI. Corpos erógenos, corpos traumatizados	129
Algumas palavras finais	169
Referências	175

Apresentação

O personagem principal deste livro é William Ronald Dodds Fairbairn, psicanalista que viveu de 1889 a 1965 em Edimburgo, na Escócia. No presente livro, propomo-nos a apresentar a obra desse importante, peculiar e um tanto quanto desconhecido autor.

É possível identificar Fairbairn como o autor que instaurou a disputa entre concepções teóricas em psicanálise que opõe, de um lado, a teoria da libido e, de outro, a teoria das relações de objeto. Ele criticava a ideia freudiana de que o que move o ser humano é a necessidade de descarga e afirmava que, desde sempre, o ser humano estaria movido pela necessidade fundamental de estabelecer ligações amorosas com os outros. Com isso, ele pretendia promover a transmutação da parafernália freudiana em termos humanamente compreensíveis. Nessa concepção, saíam de cena termos da obra freudiana como aliviar, descarregar e entrariam em cena termos como amar, depender, ligar-se. Para ele, seria preciso considerar o ser humano não como um conjunto de impulsos, mas como um todo em relação com os seus objetos. Nessa concepção, o impulso primordial do humano seria o de estabelecer ligações amorosas com os objetos.

Além de ter se proclamado como o fundador de um novo modelo teórico no âmbito da psicanálise, Fairbairn também foi um autor que dedicou toda uma vida a mapear as repercussões das experiências traumáticas precoces no processo de constituição da estrutura psíquica. É possível dizer que essa é a mais importante contribuição do autor para a clínica psicanalítica contemporânea. A partir dela, temos

elementos para pensar sobre muitos pacientes difíceis, sejam eles esquizoides, fronteirços ou adictos.

Nosso autor concebia o trauma como resultado da incapacidade dos pais de *convencer* a criança de que ela é amada e de que o amor dela é aceito. Nessa situação, a criança se sentiria ao mesmo tempo rejeitada e desprovida de recursos para concretizar a sua necessidade de se ligar amorosamente. Nos termos propostos pelo autor, o objeto passaria a ser vivido por ela como rejeitador e hiperexcitante.

Se não é possível confiar nos objetos que estão lá fora, é preciso recriá-los como objetos internos. Se os objetos externos excedem e traumatizam, é preciso incorporá-los ao mundo interno para que seja possível exercer algum controle sobre eles. Além disso, para seguir vivendo, faz-se necessário de alguma forma tentar neutralizar ou atenuar os efeitos das experiências traumáticas.

Para o autor, a estrutura mental se origina da introjeção dos objetos primordiais e dos processos de cisão do ego. Todos esses mecanismos se instauram a partir das vicissitudes da relação do bebê com os objetos dos quais depende. Os traumas dão origem a um processo autônomo e incontornável, em que vai se constituindo, quase que às expensas do sujeito, uma estrutura interna complexa, apartada do mundo exterior e atemporal. Nela, as imagos paternas permanecem para sempre idênticas a si mesmas na sua maldade. As partes cindidas do ego mantêm-se eternamente como na condição de crianças frágeis, traumatizadas e dependentes das imagos paternas. Desse modo, em Fairbairn, são as experiências traumáticas vividas ao longo do desenvolvimento inicial primitivo que constituem a estrutura psíquica.

O sistema teórico proposto por Fairbairn é a tentativa de

descrever o quanto, a partir dos desencontros com os objetos primordiais, vai se constituindo uma estrutura psíquica à parte, imune às surpresas e aos processos de transformação característicos da relação com os objetos do mundo. Isso justifica a afirmação de Figueiredo (2003) de que, quando analisamos a obra de Fairbairn, a compreensão das psicopatologias não é um capítulo dentro de uma teoria psicanalítica geral, porque ele propõe uma investigação das origens e da natureza psicopatológica da vida mental em sua universalidade.

Como, para o nosso autor, o desencontro entre o *self* e o objeto é incontornável e o objeto nunca é aquilo que eu preciso que ele seja, a condição humana se caracteriza por uma dimensão inevitável de mal-estar, de tensão. Só que a tensão não revela, como em Freud, a existência de algo que precisa ser descarregado, mas o fato de que o outro que deveria sustentar a situação de dependência está sempre além e aquém das minhas necessidades. O mal-estar em Fairbairn é ainda mais inevitável do que para Freud. Não é a civilização que impede o prazer, mas o caráter necessariamente traumático do encontro com o outro.

Talvez a grande contribuição teórica de Fairbairn tenha sido a sua concepção de estrutura endopsíquica, inicialmente proposta no texto *Estrutura endopsíquica considerada em termos das relações de objeto*, escrito por Fairbairn em 1944 e inserido posteriormente no único livro do autor que foi publicado em vida.

A estrutura endopsíquica é um modo de conceber a mente em que partes excindidas e reprimidas do *self* entram em relações de objeto entre si. Como dissemos, essas partes excindidas e reprimidas se constituem a partir de experiências traumáticas inevitáveis vividas pela criança na relação de dependência

com os seus objetos primordiais (pais ou cuidadores). Desse modo, nos termos de Ogden (2010), “Fairbairn desenvolve um modelo de mente que incorpora, em sua própria estrutura, uma conceituação do desenvolvimento psíquico inicial”. A mente, tal como concebida por Fairbairn, constitui-se em resposta às experiências traumáticas vividas nas relações de dependência e é necessariamente patológica.

É possível traçar o percurso clínico que levou Fairbairn a cunhar tal concepção. Para isso, precisamos nos remeter à experiência clínica do autor com pacientes esquizoides que, durante o processo de análise, traziam à tona, invariavelmente, o fato de terem sido crianças severamente traumatizadas. Na compreensão de Fairbairn, esses pacientes vivenciaram precocemente experiências reiteradas de indisponibilidade, por parte dos pais, de estabelecer uma relação amorosa com eles em uma fase em que a distinção eu-outro ainda não estava bem estabelecida. Como resultado disso, não puderam constituir a confiança no outro, nem na própria capacidade deles de estabelecer ligações significativas com os objetos do mundo externo. Desse modo, o investimento libidinal, inicialmente dirigido aos pais, voltou-se quase que completamente para dentro.

Esses pacientes, descreve Fairbairn, assumiam um ar vago e misterioso e se sentiam especiais por serem possuidores de um objeto interno secreto e valioso que deveria ser protegido a todo custo de um contato com o mundo exterior. Ao mesmo tempo, queixavam-se de um sentimento de futilidade e vazio nas relações sociais, porque não conseguiam se fazer efetivamente presentes nelas. Havia ali uma quase total indisponibilidade, por parte desses pacientes, para estabelecer relações afetivas significativas com os objetos do mundo externo.

Foi a partir do contato com os pacientes esquizoides e com aquilo que eles evidenciavam sobre o modo de funcionamento do mundo interno que Fairbairn elaborou a concepção de estrutura endopsíquica, um modelo de mente segundo o qual todo o psiquismo é constituído em bases esquizoides. Isto é, ali onde há mente, há retraimento e há indisponibilidade para a novidade da relação com o objeto externo. No caso dos pacientes esquizoides, essa indisponibilidade era quase absoluta, de modo que quase todo o investimento libidinal permanecia represado nas relações internas entre as partes cindidas e reprimidas do *self*.

O psiquismo, para Fairbairn, é um aparato defensivo que se constitui como reação aos traumas inevitáveis na relação com os objetos: sentir-se desamparado, abandonado, rejeitado ou se ver seduzido por uma promessa de ligação com um objeto poderoso que, no entanto, acaba por não se cumprir. A morte psíquica para Fairbairn é se ver incapaz de satisfazer a necessidade de estabelecer ligações amorosas com os objetos. É contra o risco de cair no vazio que o indivíduo precisa lançar mão de mecanismos de defesa muito primitivos, especialmente a cisão do ego e do objeto.

Para Fairbairn, a organização de uma estrutura endopsíquica é a maneira possível do indivíduo se constituir às voltas com os desencontros traumáticos que caracterizam a situação de dependência infantil. Nessa estrutura, ele conquista alguma estabilidade ao descolar do ego central as suas partes traumatizadas e ao estancar a busca pelos objetos do mundo externo por meio de um intenso investimento libidinal nos objetos maus internalizados.

Ao invés do triunvirato do modelo estrutural de Freud,

composto pelo ego, id e superego, Fairbairn concebe que a mente é composta por uma coleção mais extensa de partes. De um lado, há o objeto excitante, ao qual se liga o ego libidinal. A modalidade de relação que estabelecem é baseada numa promessa grandiosa de encontro amoroso que, no entanto, nunca se concretiza. De outro lado, há o objeto rejeitador, ao qual se liga o aspecto rejeitado do *self*. O ressentimento é uma das forças que mantém viva essa ligação. Por fim, há o ego central, que mantém contato com a realidade externa e a capacidade de desfrutar das ligações com os objetos externos e tenta, a todo custo, manter sob repressão os objetos maus e as partes do *self* que se mantêm ligadas emocionalmente a esses objetos.

A atualidade da noção de estrutura endopsíquica, tal como proposta por Fairbairn, salta aos olhos quando nos deparamos, na clínica, com situações que evidenciam, de forma muito clara, padrões repetitivos marcados por intensos sentimentos de rejeição ou de excitação.

Como quando alguns pacientes repetem, por anos a fio, as mesmas queixas com relação a alguém com quem se tem um convívio próximo, frequentemente com quem se tem uma relação conjugal. Esses pacientes, muitas vezes, retomam as mesmas lembranças em muitas sessões diferentes e o tom não muda. São tomados pelo mesmo sentimento de raiva ou de rejeição a cada vez que retomam essas cenas e quando tentamos introduzir algum pensamento sobre isso que se apresenta em forma de queixa ficam indignados, ressentidos, sentindo-se não escutados e até paranoicos (*não entendo por que você o/a está defendendo*). Mais comum ainda, agem como se não tivéssemos falado nada. Em casos mais extremos, há oscilações

abruptas entre experiências de rejeição e de ressentimento e experiências de intensa excitação, sobretudo em relações conjugais marcadas pela violência.

Outras vezes, esse relato repetitivo, carregado de sentimentos muito intensos, vem referido não a um outro, mas ao próprio paciente. Nesse modo de funcionamento esquizoide, o próprio indivíduo se torna, ao mesmo tempo, alvo e autor de autorrecriminações violentas, sem que isso entre em contradição com a presença de um vago sentimento de superioridade, de autossuficiência.

É por meio do seu envolvimento em modalidades de relação aditivas, sejam elas projetadas em objetos externos, sejam elas vividas internamente, que os pacientes expressam os aspectos dissociados de si mesmo, associados a intensos mecanismos de resistência.

A adicção não é propriamente com relação a um outro específico, porque muitas vezes o mesmo padrão se repete em relações sucessivas. A adicção se dá a um certo padrão de relação. Não raro, esse padrão de relação parece repetir o aspecto mais traumático da relação com os objetos primordiais. Como afirmamos acima, para Fairbairn, a estrutura endopsíquica se constitui em resposta às experiências traumáticas vividas pela criança ao longo de seu processo de desenvolvimento emocional. Nesse caso, com o auxílio do conceito de estrutura endopsíquica proposta por Fairbairn, diríamos que a adicção se dá na relação com os pais da infância. É deles que não é possível se separar.

A questão que Fairbairn nos auxilia a abordar é: por que alguns pacientes permanecem em relações que parecem marcadas pela compulsão à repetição? A ideia de Fairbairn é que esses pacientes se defendem da experiência de oferecer o

amor e receber o amor por meio de reiterar a relação com o já conhecido. Mesmo que o já conhecido seja aquilo que há de mais traumático em sua história.

É por reconhecermos a atualidade das contribuições de Fairbairn para pensar em questões da clínica psicanalítica contemporânea que está sendo proposta a publicação de uma nova edição deste livro sobre a obra do autor na antevéspera das celebrações dos 60 anos da morte dele. Nesta segunda edição, optamos por incluir no livro um capítulo específico para apresentar a vida, a obra e o legado de Fairbairn, além de algumas outras correções, supressões e reorganizações.

Para apresentar e discutir o modo como a obra de Fairbairn foi se constituindo ao longo das décadas de 1930, 1940 e 1950, o presente livro está organizado em 6 capítulos.

No capítulo 1, como dissemos, propomo-nos a apresentar brevemente a vida, a obra e o legado de Ronald Fairbairn.

No capítulo 2, propomo-nos a fazer uma apresentação dos textos do autor escritos na década de 1930, que são muito pouco conhecidos e citados e que se debruçam de modo muito interessante sobre temas que ele nunca mais viria a explorar nas décadas seguintes, como o brincar e o fazer artístico.

No capítulo 3, ao lermos os textos teóricos da década de 1940, o nosso intuito é o de encontrar, nesses textos tão ambiciosos, em que se está anunciando a construção de um novo modelo teórico, aquilo que eles revelam sobre a dimensão do desamparo e do traumático que necessariamente caracterizam a condição humana. Foi na década de 1940 que o autor cunhou a concepção de estrutura endopsíquica que é, a nosso ver, a sua mais importante contribuição à psicanálise.

No capítulo 4, ao analisarmos os textos da década de 1950, iremos nos deparar com um autor às voltas com a discussão

sobre o fazer do psicanalista. Como o próprio autor afirma, nem a teoria mais bem construída é capaz de dizer ao analista o que fazer quando está diante do paciente.

No capítulo 5, propomo-nos a discutir a crítica de Klein (1946) de que, no sistema teórico proposto por Fairbairn, não há espaço para compreender o modo como as boas experiências com os objetos primordiais seriam armazenadas no psiquismo. Sendo Fairbairn um teórico das relações de objeto, essa nos parece uma crítica fundamental, que merece ser discutida de modo aprofundado.

No capítulo 6, partiremos da leitura das anotações de autoanálise feitas por Fairbairn em seu diário pessoal, para analisar o modo como o autor concebe a relação com o corpo e com a sexualidade.

Fairbairn

2ª edição - Revista

